



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

COMPREENDENDO A CIDADE ATRAVÉS DA AULA DE CAMPO: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM ITABUNA-BA

UNDERSTANDING THE CITY THROUGH THE FIELD CLASS: EXPERIENCE REPORT IN ITABUNA-BA

(Recebido em 29-08-2018; aceito em 07-05-2020)

Jorman dos Santos

Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Professor da rede estadual de ensino da Bahia – Buerarema, Brasil
jormansantos@gmail.com

Alan Azevedo Pereira dos Santos

Especialista em Ensino de Geografia e Planejamento de Cidades pela Universidade Estadual de Santa Cruz
Professor da rede estadual de ensino da Bahia – Itabuna, Brasil
alan2azevedo@gmail.com

Resumo

O presente artigo é sobre uma proposta para trabalhar a geografia urbana na escola de uma forma crítica, didática e ao mesmo tempo prazerosa, tanto para professores, quanto para os alunos por meio do trabalho de campo. O artigo inicia trazendo uma discussão sobre a cidade e o urbano dentro da ciência geográfica, posteriormente aborda algumas inquietações comuns à prática docente, ao mesmo tempo em que apresenta estratégias para superação de tais inquietações, destacando a importância da interdisciplinaridade na escola e os procedimentos metodológicos para a realização de uma aula de campo, que contemple conteúdos ligados a geografia urbana. A construção do artigo partiu de uma prática de aula já executada, na cidade de Itabuna-BA com a observação da paisagem e coleta de imagens por parte dos alunos. Alguns dos resultados obtidos encontram-se descritos, dessa forma o artigo pretende auxiliar professores do ensino fundamental e médio na compreensão da importância da aula de campo como instrumento didático-pedagógico para o alcance dos objetivos propostos.

Palavras chave: Aula de campo; Geografia Urbana; Interdisciplinaridade.

Abstract

This article is about a proposal to work urban geography at school in a critical, didactic and at the same time pleasurable way, both for teachers and for students through fieldwork. The article begins by bringing a discussion about the city and the urban within geographic science, later addressing some concerns common to teaching practice, while presenting strategies for overcoming such concerns, highlighting the importance of interdisciplinarity at school and methodological procedures for conducting a

field class, which includes content related to urban geography. The construction of the article started from a classroom practice already performed, in the city of Itabuna-BA with the observation of the landscape and collection of images by the students. Some of the results obtained are described, so the article intends to help elementary and high school teachers to understand the importance of the field class as a didactic-pedagogical tool to achieve the proposed objectives.

Key words: *Field Class; Urban Geography; Interdisciplinarity.*

Introdução

A proposta de discutir o espaço urbano na sala de aula é extremamente importante, não somente pelo fato da maior parte da população brasileira e mundial residir em cidades. Mas especialmente porque as maiores e principais transformações que ocorrem na sociedade encontram seus rebatimentos no espaço urbano.

Discutir sobre a cidade e o urbano é fundamentalmente discutir o espaço, inúmeras análises e inferências realizadas por vários cientistas sociais, sobretudo os geógrafos, como Marcelo Lopes de Souza (2008), Milton Santos (1994), David Harvey (1980), entre outros, buscam enxergar o espaço como objeto de estudo, na tentativa de compreender o comportamento da sociedade nesse processo.

Na geografia escolar a compreensão do urbano se torna um desafio crescente, pois não há consenso entre o que é, e o que não é urbano, ou mesmo o que faz uma aglomeração ser considerada ou não como cidade. Do mesmo modo, a tentativa de aproximar o estudante desse objeto de estudo, tem se apresentado como um desafio ainda maior.

Buscando solucionar o distanciamento entre os alunos e o seu objeto de estudo, o presente artigo apresenta os procedimentos metodológicos para execução da aula de campo, como uma estratégia que pode ser aplicada tanto no ensino fundamental, quanto no médio. O espaço urbano da cidade de Itabuna-BA foi utilizado como laboratório para execução dessa atividade.

A importância da aula de campo enquanto intervenção metodológica encontra suporte na afirmação de Cioccarri (2013, p.14). Assim ela escreve:

O trabalho de campo pode ser definido pela observação de fatos e fenômenos concretos, que recorre à ideia de primeira e segunda natureza, assim como a coleta de dados referentes aos mesmos, que enfatiza a análise e a interpretação, tendo como base uma fundamentação teórica que leve a compreender e explicar o objeto de estudo.

A aula de campo ocorreu em diversos bairros da cidade, centrais e periféricos, o objetivo central era o reconhecimento de situações de desigualdade socioespacial na cidade de Itabuna-BA. Tal objetivo pautou-se na coleta de imagens de diferentes pontos da cidade, além de intervenções do professor e

participação dos estudantes do 7º ano do ensino fundamental sobre as observações realizadas.

O momento da execução da aula de campo constituiu-se em uma das etapas do processo de trabalho, com a temática envolvendo o estudo da geografia urbana. Anterior a aplicação da metodologia, foram realizadas explicações prévias de acordo com o plano de ensino bimestral, sendo o processo avaliativo executado durante e após a realização da aula de campo.

Neves (2015, p. 34) analisa a importância do processo avaliativo para uma aula de campo ao afirmar que:

O registro por escrito, tanto da dimensão subjetiva (impressões) quanto da objetiva (tentativas de explicações), é importante à medida que o conhecimento produzido durante esse reconhecimento inicial pode ser resgatado em outros momentos e comparado com o conhecimento produzido ao final do trabalho de campo e ainda no momento de avaliação da atividade.

O artigo por hora apresentado além de proporcionar reflexões teóricas sobre a cidade e o urbano, elucida didaticamente a metodologia aplicada em campo. Assim, se busca superar a abstração comum ao ambiente da sala de aula por meio de uma metodologia ativa que proporciona uma ligação prática com a vida cotidiana dos alunos e, portanto, valoriza uma racionalidade prático-sensível em detrimento da racionalidade técnica.

Trata-se da realização de uma aula de campo, com o intuito de reconhecer situações comuns ao ambiente urbano, independente do tamanho da cidade. No artigo em questão, Itabuna é classificada como uma cidade média¹ do interior da Bahia, porém essa mesma atividade poderia ser realizada em cidades de tamanhos e localização distinta, cabendo ao professor adequar os procedimentos metodológicos a sua realidade específica.

Reflexões Teóricas Sobre a Cidade e o Urbano

As discussões e debates que envolvem a relação intrínseca entre a cidade e o urbano têm ganhado cada vez mais destaque no universo acadêmico, nos mais variados campos do saber. Na geografia em particular, essas abordagens fazem parte do campo de pesquisa do geógrafo desde o período de sistematização da ciência, e na atualidade, porém o advento da globalização tem acelerado

¹ Geralmente os estudos funcionais ou que priorizam o sistema hierárquico das cidades usam terminologias similares às de cidades pequenas, médias e grandes. Para tanto, tomam como base os dados referentes a seus contingentes populacionais. Assim, na classe de cidades pequenas inserem-se aquelas que possuem até 20 mil habitantes; acima deste montante são classificadas como cidades médias e aquelas com mais de 500 mil habitantes são consideradas cidades grandes. Este critério, com algumas variantes, tem sido adotado pelas instituições de estudos estatísticos (MAIA, 2010, p. 18).

sobremaneira o ritmo de transformações no espaço das cidades, ratificando gradativamente o modo de vida urbano como produto do capitalismo.

A capacidade de analisar e compreender o espaço das cidades e o seu movimento de constante mudança vem sendo aperfeiçoada progressivamente, por caminhos diversos pesquisadores de diferentes áreas buscam apreender em detalhes o caráter cada vez mais plural e dinâmico do espaço urbano. São conflitos sociais, inovações tecnológicas, problemas ambientais, refuncionalização do espaço, entre inúmeros outros acontecimentos que fazem do espaço urbano um ambiente de permanente transformação.

Entre as inúmeras transformações que acometem o espaço urbano, as que possuem o viés econômico são reconhecidamente as mais importantes, pois possuem a capacidade de catalisar direta e indiretamente as demais formas de alteração no espaço. Segundo Lojikine (1997) é sempre válido destacar que numa sociedade hegemonicamente capitalista as questões de caráter econômico possuem papel central nos debates acerca da produção do espaço.

Lojikine (1997, p. 185) afirma que:

A cidade desempenha, pois fundamental papel econômico no desenvolvimento do capitalismo, mas, inversamente, a urbanização é moldada, modelada, de acordo com as necessidades de acumulação capitalista.

A cidade não deve ser compreendida como produto das relações capitalistas, apesar do modo de produção vigente, ser responsável por inúmeras transformações pelas quais passaram as cidades nos últimos anos, é válido ressaltar que o espaço das cidades é anterior ao capitalismo. O modo de vida urbano, no entanto, é essencialmente obra do capitalismo, ou seja, a construção do ambiente urbano permite a reprodução da lógica capitalista, essa situação encontra seu embrião a partir do processo de industrialização que contribuiu para inúmeras transformações na sociedade e no espaço.

Com o advento da Revolução industrial a partir do século XVIII, o processo de urbanização ganha uma nova configuração, mais acelerada e que se espalhava por mais espaços à medida que o desenvolvimento da atividade industrial crescia. No Brasil, porém, o processo de urbanização ocorre de forma bastante distinta em relação aos países pioneiros do processo de industrialização, de acordo com Santos (1994), a urbanização brasileira ainda era bastante rarefeita nos primeiros séculos de formação territorial.

Nas palavras de Santos (1994, p. 26),

O Brasil foi, durante muitos séculos, um grande arquipélago, formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias, ditadas em grande parte por suas relações com o mundo exterior. Havia, sem dúvida, para cada um desses subespaços, pólos

dinâmicos internos. Estes, porem, tinham entre si escassa relação, não sendo interdependentes.

Compreender a dinâmica da produção do espaço urbano é, portanto, uma tarefa que exige o reconhecimento dos inúmeros desafios que permeiam a produção do espaço. No caso brasileiro em especial esses desafios são em grande parte compostos pelas consequências nocivas que o passado de colonização e escravidão incutiu na formação do país, e que são responsáveis por inúmeras características marcantes no processo de urbanização.

Diante desse contexto os conteúdos sociais devem ser encarados como essenciais para a compreensão da produção do espaço urbano, pois, aceitar passivamente a proposta de uma dicotomia entre produção do espaço e as questões sociais, não só é impraticável como também negligente, tendo em vista que o espaço é por excelência produto da relação sociedade-natureza, onde as diferentes formas de organização social são essenciais para compreender a diferenciação entre os espaços.

Na atualidade, os conflitos, as contradições e imbricações próprias do processo de produção do espaço, encontram nas cidades o ambiente onde melhor podem ser refletidas. É nas cidades que tudo de mais avançado e moderno produzido dentro do modo de produção capitalista se apresenta, como também os aspectos mais nocivos da reprodução do capital ganharam terreno para se fazerem presentes.

A ideia de que a urbanização possui os principais elementos para a compreensão das incongruências intrínsecas ao modo de produção capitalista é defendida por Lojikine (1997), o autor acrescenta que desconsiderar o papel fundamental da urbanização dentro de um estado capitalista, é assumir uma postura burguesa, na qual os grandes interesses estão voltados para reduzir a noção do urbano simplesmente a ideia de uma relação de consumo.

De forma mais contundente Lojikine (1997, p. 144) afirma que:

Não considerar a urbanização como elemento-chave das relações de produção, reduzi-la ao domínio do “consumo”, do “não-trabalho”, opor reprodução da força de trabalho – pela urbanização – a dispêndio do trabalho vivo – na empresa – é, ao contrário, retomar um dos temas dominantes da ideologia burguesa segundo a qual só é “produtiva” a atividade de produção da mais-valia.

A cidade é um espaço amplo, não apenas no que tange o aspecto físico, mas principalmente pela gama de possibilidades a ela vinculada que pode possibilitar como nenhum outro espaço reconhecer a multiplicidade de conflitos socioespaciais que são produtos de uma sociedade fragmentada. Corrêa (1989) considera o espaço urbano como sendo respectivamente fragmentado e articulado, onde cada uma das partes se agrupa formando um todo.

Neste sentido, Corrêa (1989, p. 8) acrescenta:

Assim, o espaço da cidade capitalista é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social em classes; a cidade medieval, por sua vez, apresentava uma organização espacial influenciada pelas guildas, às corporações dos diversos artesãos. Mas o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente.

A luz de uma análise que se pretende crítica e atenta, sobretudo para as questões de cunho social, a análise da produção do espaço urbano não pode ser separada da dimensão temporal, essa situação independe do tamanho da cidade e do local em que esteja situada. É preciso compreender que o passado de uma cidade não se constitui apenas em eventos já vividos, mas o conjunto de conteúdos produzidos em diferentes épocas teve e tem papel crucial no estabelecimento da estrutura urbana do presente e tende a auxiliar de sobremaneira as projeções e compreensões de transformações futuras.

Na contemporaneidade uma gama nova de desafios se apresenta no âmbito da produção do espaço urbano, as novas tecnologias contribuíram para que os fixos e os fluxos² se tornassem mais dinâmicos, a fim de oferecer serviços cada vez mais rápidos e sofisticados para a população urbana. Contudo os antigos desafios também continuam a existir e de forma cada vez mais intensa, como a exclusão e desigualdade socioespacial, os problemas ambientais e de maneira mais forte principalmente no Brasil a questão da violência.

O modo de produção capitalista não criou aparentemente apenas estruturas harmônicas e integradas, mas contribuiu significativamente para o surgimento e ampliação de inúmeras formas de contradição socioespacial, transformando a maior parte das cidades do século XXI em espaços segregados, ou seja, o capitalismo e sua lógica contribuíram para a formação de cidades para poucos. Segundo Lojikine (1997) o capitalismo não mede esforços para sustentar uma de suas principais premissas que é a maximização dos lucros.

Conforme define Lojikine (1997, p. 175),

A cidade aparece assim como efeito direto da necessidade de economizar as falsas despesas de produção, as despesas de circulação e as despesas de consumo a fim de acelerar a velocidade de rotação do capital e, portanto, de aumentar o período em que o capital é valorizado.

É possível considerar assim, o modelo atual de produção do espaço urbano como inserido dentro

² Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. [...] Fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica, e, é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais e mais fixados ao solo; os fluxos são cada vez mais diversos, mais amplos, mais numerosos, mais rápidos (SANTOS, 2006, p.38).

de uma lógica de reprodução do capital, e a vida urbana como refém dessa estratégia montada pelo propósito de obtenção de lucros cada vez maiores. Condicionando milhões de indivíduos a adotarem padrões de consumo muitas vezes incompatíveis com sua renda, onde o espaço físico das cidades tende a apresentar as condições mais favoráveis para que tais consequências se façam nítidas.

Dessa forma é possível notar os inúmeros desafios que permeiam a construção do espaço urbano, no qual o enfrentamento das contradições criadas pelo capital se faz urgente. A busca por uma cidade menos desigual, social e espacialmente, atento às questões sociais e ambientais, que seja capaz de refletir sobre estratégias de tornar o espaço das cidades mais acolhedor e agregador.

A aula de campo enquanto ferramenta do processo de ensino-aprendizagem

A sociedade atual se organiza e altera o espaço numa grande velocidade, dada as condições técnicas disponíveis para esses fins, cada vez mais os indivíduos ampliam e modernizam sua capacidade de se comunicar, locomover-se, ou mesmo intensificam as relações comerciais. Por outro lado, tal condicionante também cria uma série de novos desafios, no qual a atividade educacional é um dos segmentos mais afetados por esse ritmo acelerado de transformações, intrínsecos ao processo de globalização.

O ambiente da sala de aula consolidou-se historicamente como um espaço onde é possível estabelecer uma série de debates, estimular o pensamento crítico, desenvolver novas habilidades, entre outros. A prática recente, no entanto, tem apontado uma série de novos desafios, que acabam por fazer com que certas metodologias de ensino se apresentem como chatas, incompreensíveis, ou mesmo ineficazes, para os jovens.

A atividade educacional não é, e nunca foi uma tarefa simples, dia após dia os professores se deparam com situações as mais diversas possíveis, que põem em cheque suas respectivas práticas de ensino. Os modelos tradicionais de se trabalhar com os conteúdos das disciplinas estão sendo cada vez mais questionados, contribuindo para que o ambiente da sala de aula se torne um desafio cada vez maior para os professores que relutem em inovar ou ampliar o leque de opção de sua metodologia de ensino.

Para Trindade (2008, p. 83),

Ser professor não é fácil! A prática educativa exige de nós, a cada momento, a reflexão em torno das ações que desenvolvemos junto com os nossos colegas professores e com os nossos alunos.

Na afirmação do autor é possível identificar o convite para a compreensão de práticas de ensino que valorizem o trabalho coletivo, identificando que tanto alunos quanto professores são responsáveis

pelo desenvolvimento de uma educação melhor. A aula de campo nesse sentido constitui-se como uma metodologia rica de possibilidades para o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar³ e a própria melhoria da relação professor/aluno.

A aula de campo é uma metodologia importante para a prática de ensino, dada a multiplicidade de alterações e interações que ela suscita no trabalho do professor e na própria forma do aluno compreender o conteúdo. Por meio da aula de campo professores e alunos terão contato com o conteúdo ou tema proposto de uma forma muito mais dinâmica, demonstrando os inúmeros caminhos do processo de aprendizagem.

Nesta direção, Cioccarri (2013, p. 33) argumenta que:

Com uma discussão que envolva conceitos fundamentais, como o espaço vivido da comunidade escolar, os alunos se tornam capazes de entender seu cotidiano de forma mais crítica e reflexiva. A visão do local clareia as diferenças, fazendo com que se percebam as desigualdades.

A possibilidade do trabalho coletivo entre áreas de conhecimento distintas é outro importante benefício que a aula de campo trás para a prática educativa, tendo em vista que nenhuma ciência é capaz por si só de fornecer uma visão completa de um determinado fato. A soma dos conhecimentos que cada uma das disciplinas escolares permite, não deve nunca ser negligenciada, muito pelo contrário, é necessário que a troca de informação entre os professores das mais diversas áreas se faça constante.

Trindade (2007, p. 84) argumenta sobre a importância do trabalho coletivo, segundo o autor,

A experiência humana é um dado da realidade que só pode ser inteligível se se entende como algo conjuntamente partilhado. Cada um de nós carrega consigo uma profusão de conhecimentos e saberes que vão sendo construídos ao longo da existência, no contexto da vida de cada um. Entretanto, tais saberes só adquirem validade ontológica por que germinam e se desenvolvem a partir do contato com o(s) outro(s).

Dessa forma a troca de informação entre os professores das mais diferentes áreas, como estratégia para aprimorar e melhorar o trabalho em sala de aula, além de ser importante, se torna cada vez mais necessária. A interdisciplinaridade não se limita a simples troca de informação entre as disciplinas, mas, sobretudo sua aplicação na prática educativa.

Na geografia, mais especificamente, a metodologia da aula de campo contribui substancialmente para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, possibilitando associar teoria e prática de

³ Na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa, assim os saberes escolares procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências. Na interdisciplinaridade escolar as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo, o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração (FAZENDA, 2015, p. 12).

uma forma mais prazerosa. Os mais variados conteúdos da disciplina geográfica são passíveis de serem utilizados na aula de campo, sendo a análise do espaço urbano um dos temas mais importantes para a realização de tal prática.

Discutir sobre a cidade e o urbano é fundamentalmente discutir o espaço, são inúmeras as análises e inferências realizadas por vários cientistas sociais, sobretudo os geógrafos que buscam enxergar o espaço como objeto de estudo. Na tentativa de compreender o comportamento da sociedade nesse processo, Carlos (2007) questiona se de forma separada cada ciência poderá explicar todas as contradições e transformações que permeiam a construção do espaço urbano.

Assim, segundo Carlos (2007, p. 20),

Em primeiro lugar, a compreensão da cidade na perspectiva da Geografia nos coloca diante de sua dimensão espacial — a cidade analisada enquanto realidade material — a qual, por sua vez, se revela através do conteúdo das relações sociais que lhe dão forma. A produção geográfica aponta claramente o fato de que não há um único modo de se pensar a cidade, indicando que não há um único caminho a ser trilhado pela pesquisa.

O ensino da geografia urbana é um dos principais temas da geografia escolar, trabalhado tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, trabalhar essa temática por meio da aula de campo, possibilita aos alunos o contato com o espaço urbano através de um olhar crítico e investigativo. Tal metodologia “engloba a observação, a análise e a interpretação de fenômenos no local e nas condições onde eles ocorrem naturalmente.” (NEVES, 2015, p. 13).

A observação do espaço urbano a partir da aula de campo enriquece o trabalho dos professores e alunos envolvidos, permitindo análises coletivas frente a uma mesma realidade. A proposta da aula de campo qualquer que seja seu foco deve possibilitar uma maior interação do aluno com seu objeto de estudo, assim, a validade das observações e inferências por eles realizadas, soma-se as estratégias utilizadas pelos professores, facilitando a assimilação dos conteúdos.

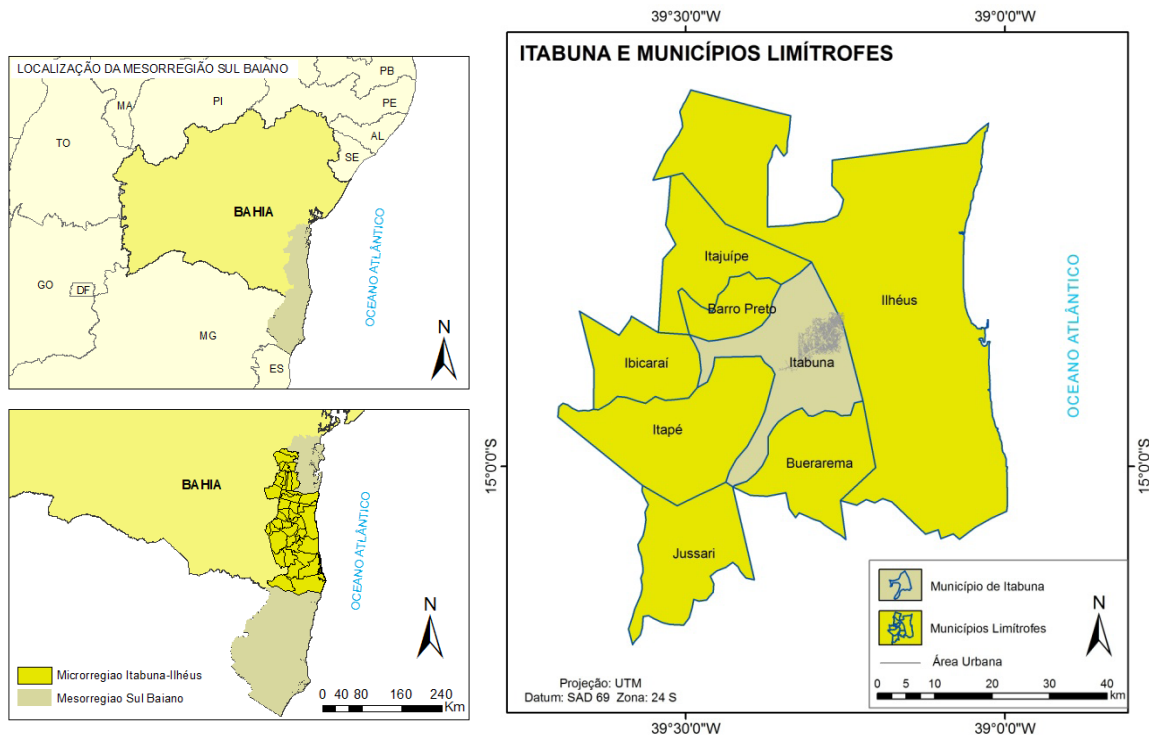
Relato de experiência: metodologia para aula de campo no ensino de Geografia urbana

O objetivo central de uma intervenção metodológica por meio da aula de campo deve buscar prioritariamente ligar o aluno ao conteúdo proposto, de uma forma prática e ao mesmo tempo dinâmica. “A utilização dessa metodologia também pode promover maior significação dos conteúdos e maior aproximação da realidade dos alunos.” (NEVES, 2015, p. 12).

Na aula de campo em questão, o objetivo central visa compreender as contradições sociais presente no espaço urbano de Itabuna-BA, localizada na mesorregião Sul Baiano, conforme indicado

pela Figura 1. O público alvo dessa atividade contou com a participação de alunos do 8º ano de uma escola particular da cidade, com idade entre 13 e 14 anos.

Figura 01: Localização da Mesorregião Sul Baiano, Microrregião Itabuna-Ilhéus e dos Municípios que fazem limite com Itabuna



Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Para a realização da aula de campo, algumas ações foram tomadas previamente para garantir o êxito da atividade proposta, como a escolha do transporte responsável por dar suporte durante a aula, participação de professores de outras disciplinas e integrantes da coordenação pedagógica para auxiliar na orientação dos alunos, seleção de material necessário para saída de campo, entre outros.

O quadro de procedimentos metodológicos da figura 2 corrobora com a proposta de Neves (2015, p. 17) apresentando a estrutura utilizada para a realização da atividade. De acordo com a autora:

O professor escolhe as localidades que serão visitadas e os fenômenos que serão analisados. Um roteiro é elaborado e todos os trâmites legais exigidos pelo estabelecimento de ensino são cumpridos. Uma vez aprovada a atividade, o roteiro é apresentado aos alunos, a data é fixada e o professor discute os meios pelos quais irá avaliar o desempenho dos alunos – relatório, apresentação oral, trabalho escrito etc.

Pré-campo	Durante o campo	Pós-campo
Elaboração do plano de aula, contendo os procedimentos metodológicos para execução da aula de campo: Objetivos Conteúdos/Assuntos Procedimentos/estratégias Instrumento de avaliação Observações Encaminhamentos para próxima aula	Saída a campo para execução das propostas estabelecidas em sala de aula: Coleta de imagens Entrevistas Filmagem Aula expositiva e questionamentos em pontos previamente selecionados no trajeto Registro escrito	Avaliação da aula de campo e análise dos resultados alcançados: Pontos positivos e negativos da proposta metodológica Entrega do material construído a partir da aula de campo (fotografias, relatórios) Avaliação (roda de conversa com arguição e construção de um mosaico com as fotos.)

Fonte: elaborado pelos autores.

Durante a aula de campo é muito importante valorizar a autonomia dos alunos, possibilitando que eles se reconheçam enquanto protagonistas do processo de aprendizagem. A capacidade que cada aluno tem de observar o espaço a sua volta, analisando as características, deve ser valorizado e estimulado ao mesmo tempo.

A metodologia da aula de campo para compreender situações intrínsecas a produção do espaço urbano contribui para que o processo avaliativo seja mais justo, na medida em que o professor pode utilizar de diversas estratégias para aferir o nível de aprendizado dos alunos. A confecção de cartazes e/ou painéis, apresentação em grupo dos resultados alcançados, elaboração de um mapa mental a partir do trajeto realizado, são algumas das muitas possibilidades de avaliação decorrentes dessa proposta metodológica.

Segundo Ciocari (2013, p. 8),

A avaliação do trabalho de campo bem como a autoavaliação, faz parte do trabalho no sentido de significar o ensino-aprendizagem, que levam aos resultados obtidos e já com opiniões formadas dos alunos.

O processo avaliativo é nesse sentido, um instrumento em permanente construção, quando a temática envolvida busca tratar das questões urbanas, o entendimento sobre o tipo de avaliação deve ser plural e dinâmico. Baseado em tais premissas os alunos foram solicitados a realizar uma série de ações, entre elas, fotografar o trajeto realizado durante a aula de campo, como forma de identificar sinais de contradições socioespaciais no espaço da cidade.

O exercício da fotografia deve ser feito pelos estudantes, na medida em que o foco principal não é

a qualidade da imagem, mas compreender de que forma os alunos percebem as situações debatidas em sala de aula, refletidas no espaço urbano. Nas figuras 2 e 3 os alunos compararam dois estabelecimentos comerciais que apesar de venderem o mesmo tipo de produto atendem a públicos diferentes.

Figura 02: Loja de roupa no Centro Comercial de Itabuna-BA



Fonte: Elaborada pelos estudantes em aula de campo, 2015.

Figura 03: Loja de roupa no Shopping Jequitibá em Itabuna-BA



Fonte: Elaborada pelos estudantes em aula de campo, 2015

Os alunos identificaram que apesar dos dois estabelecimentos comerciais, venderem o mesmo tipo de produto, o público atendido por eles em geral é bastante distinto. Os alunos sinalizaram ainda

que o preço e origem das peças também são diferentes, coube ao professor indagar quanto à localização dessas duas lojas e como cada uma se apropria do espaço a sua volta.

As figuras 4 e 5 tratam dos diferentes padrões de moradia numa mesma cidade, os alunos puderam compreender que o fato de habitarem o mesmo espaço urbano não significa que a realidade econômica e social é a mesma para toda a população. Esses registros fotográficos representam respectivamente um bairro central e outro periférico, ambos na cidade de Itabuna-BA.

Figura 04: Bairro Jardim Vitória, Itabuna-BA



Fonte: Elaborada pelos estudantes em aula de campo, 2015

Figura 05: Bairro da Bananeira, Itabuna-BA



Fonte: Elaborada pelos estudantes em aula de campo, 2015

O estímulo e as vantagens decorrentes da aula de campo, não findam com o término do trajeto realizado, muito pelo contrário, inúmeras são as possibilidades de avaliação posterior a execução dessa

metodologia. Os alunos foram estimulados a discorrer oralmente sobre a experiência, confeccionando cartazes com as fotografias adquiridas em campo, além de realizarem produção textual. As ações citadas foram utilizadas como critério para a avaliação dos estudantes.

Considerações Finais

O ensino de geografia no ambiente escolar tem o papel de apresentar aos estudantes as inúmeras transformações que ocorrem no espaço e seus rebatimentos na sociedade. No ensino da geografia urbana, em particular, a atenção está voltada para as transformações que encontram seus reflexos no espaço das cidades, exigindo dos professores o uso de metodologias diversificadas que possibilitem uma melhor assimilação do conteúdo por parte dos estudantes.

Nesse sentido a aula de campo funciona como um imenso laboratório, onde professores e alunos realizam suas observações, buscando extrair o máximo de informação possível de seu objeto de estudo. A cidade passa a ser vista de outra forma, uma gama enorme de elementos que antes passavam despercebidos, torna-se visível, principalmente para o olhar do estudante.

É importante destacar que a aula de campo surge como uma estratégia metodológica que destoa do modelo tradicional, limitado ao ambiente da sala de aula. No entanto, não deve ser considerada apenas como um passeio, pois, para realização da saída de campo é preciso um diálogo prévio entre o professor e os alunos, no qual fiquem claros os objetivos da aula, solicitando aos estudantes um olhar investigativo sobre a temática proposta.

Embora o trabalho aqui apresentado (aula de campo) não tenha ocorrido de forma interdisciplinar, esse poderá ser um desdobramento futuro. É importante lembrar que a cidade, não se configura apenas como objeto de estudo da geografia, outras disciplinas, podem utilizar dessa metodologia como forma de melhorar a prática educativa.

O ensino da geografia urbana por meio de uma proposta interdisciplinar seria enriquecido, com as contribuições vindas de outras áreas de conhecimento. Contribuindo para que o estudo da cidade não se limite a uma simples descrição, mas possibilitando compreendê-la em sua dimensão histórica, política e social.

Dessa forma o artigo apresentado pretende servir de instrumento de pesquisa, para professores do ensino médio e fundamental, bem como para graduandos em licenciatura. Pois se configura como um trabalho que defende a interação entre as diferentes áreas do conhecimento no ambiente escolar e valoriza metodologias de ensino que busquem avançar para além de uma educação tradicional.

Referências

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.
- CIOCCARI, Carmen Candida. Ensino de geografia e o trabalho de campo: construindo possibilidades de ensino e aprendizagem sobre o espaço urbano e rural em Júlio de Castilhos, RS / Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências, RS, 2013.
- CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Ática S.A., 1989. 95p.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. INTERDISCIPLINARIDADE: Didática e Prática de Ensino, in: Interdisciplinaridade / Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) – Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade – v. 1, n. 6- especial (abril. 2015) – São Paulo: PUCSP, 2015.
- HARVEY, David. A Justiça Social e a Cidade. São Paulo: HUCITEC, 1980.
- LOJIKINE, Jean. O Estado Capitalista e a questão urbana. [tradução Estela dos Santos Abreu]. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes 1997. – (Novas Direções) 359 p.
- MAIA, D. S. Cidades médias e pequenas do nordeste: conferência de abertura. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. 250p.
- NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus : Editus, 2015. 139p.
- SANTOS, Milton. A Urbanização brasileira. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1994..
- SANTOS, Milton, 1926-2001 A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SOUZA, M. L. ABC do desenvolvimento urbano. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- TRINDADE, Gilmar Alves. Reflexões para uma Ressignificação da Avaliação da Aprendizagem na Prática Pedagógica do Professor. In: Discutindo geografia: doze razões para se (re)pensar a formação do professor / Gilmar Alves Trindade, Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti (orgs.) / Ilhéus: Editus, 2007. 426p.

(Recebido em 29-08-2018; aceito em 07-05-2020)